A maior tiragem de todos os semanarios portuguêses

ANO II—NUMERO 53 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A TRAGEDIA DOS SEM-LAR

Salvêmos os desgraçados de Espinho!

O DOMINGO ilustrado" acompanhando do fundo do coração, a humanitaria cruzada de bem que a favor dos desgraçados de Espinho o *Diario de Noticias* empreendeu, pede a todos os bons caracteres portuguêses, o auxilio que deve ser entregue áquele colega, para os pobres pescadores da linda praia, que um furacão devastou, deixando-os sem lume e sem pão.

O DOMINGO
ilustrado

ANO II — N.º 53

LISBOA 17 DE JANEIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D Pedro V, 18—Tel. 631 N. – CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Aos nossos queridos colegas que se manifestaram por ocasião do aniversario do nosso jornal, agradece muito reconhecido O Domingo ilustrado, *manifestando-lhes a certeza da inalteravel estima e leal camaradagem.*

A melhor hora . . .

A cobrança e o pagamento das contribuições portuguesas chegaram ao mais cahotico estado.

Ha dias preguntámos em determinada repartição, e depois de inutilmente lá termos ido dois dias, a que horas encontrariamos determinado funcionario.

Resposta: «A melhor hora . . . é lá para as três e meia . . .»

Quer dizer, já não ha um horario das repartições do estado. A cantata das *11 ás 5*, acabou. Agora ha apenas . . . «a melhor hora», a hora provavel, a hora possivel, a hora simpatica dos funcionarios!

—Venha Primo de Rivera, Mussolini, Lenine, seja o que fôr!

Valha-nos isso!

A repartição central das estaticas de França, publicou um boletim-alarme, contra o assustador decrescimento da natalidade naquele paiz. Assim, põe deante dos olhos apavorados dos francezes um quadro internacional. A terra onde se nasce mais é a China. Vem a seguir a Mandchuria, que com sovietes e tudo leva as lampas aos burguezes. A Inglaterra tem o coeficiente pequeno de 1,7 e está em nono lugar.

A Belgica e a Holanda são fraquinhas 2,1.

Portugal, nestes jogos olimpicos do amôr, está em quarto lugar, com o invejavel coeficiente 3.

Valha-nos isso! Por muito que nos queiram desacreditar no estrangeiro, ao menos sob esse agradavel ponto de vista, ainda não conseguiram tirar-nos os 3 pontos... naturaes.

Os reformados

Qeum se lembra d'eles? Quem neste vórtice de egoismos e de vaidade que se acotovelam, se lembra dos pobres reformados?

São aqueles velhinhos, tropegos mas decentes, dessa pobreza recolhida e muda, que sae só uma vez por mez, escovadinhos, tremulos, e vão a pé á repartição buscar as migalhas que ficam da voragem dos outros. São os antigos, os fóra-da-moda, os que tiram o chapeu deronte da egreja, que cumprimentam longamente quem os saúda, que descançam um momento no jardim publico, á réstea de sol fugidia deste inverno triste...

Quem se lembra dêles— deles que morrem nas casas frias sem pão nem lume?

Calendarios

Muito agradecemos os que recebemos, entre os quais se destacam os da Companhia de Seguros A Paz, e Mauricio & Monteiro, tipografia e encadernação da R. Antonio Maria Cardozo, 7 (ao Chiado).

CONHECIMENTO

—Conheces um corpo mais transparente do que o vidro?
—Conheço! Uma fechadura!

Má língua

Jornalismo moderno...

Quando surge uma Móda de repente,
mesmo que elle parêça uma tolice
vemos lógo a adoptal-a muita gente
com mêdo de que a accusem de velhice.

Não seguirei a norma desses loucos.
nem quero remirar-me nesse espelho . . .
Quem inda não passou dos vinte e poucos
póde ter a coragem de ser «velho.»

Por isso, ao ver a Móda,—sobretudo
se for de naturza... «intellectual»—
serenamente, calmamente a estudo
sem a applaudir, se me parece mal.

Pois quem é que não hade achar ridiculos
certos moldes do neo-jornalismo,
que enxertam o duodéno nos ventriculos
por cirurgias de «alto» futurismo?

Heide amar cavalheiros sem miólo
minados de impotencia cerebral,
que vêm dar largas a um delirio tôlo
em amaveis columnas de jornal?

Não. Quando vejo o erro, olho-o, computo-o
e adquiro a convicção com que o proclamo.
—Vae das beijócas do elogio-mutuo
ao... (nem eu digo a quê!)... do auto-reclamo!

Vejo muito conspicuo figurão
que a despeito do môfo que ressuma,
se arvóra em luminar da Geração
(que não géra coisissima nenhuma...)

Vejo muito menino que é gágá
—que precóce é o viver contemporaneo!
e que faria a inveja do Saharà
se por accaso fracturasse o craneo.

Vejo muito senhor de estylo aos saltos
que impunemente o proprio «genio» adula,
e se diz mãe de pensamentos altos
sem ter dois gramas de espinal medulla

Só me provóca um riso prazenteiro
o pomposo estadear desta chochice...
Nella vejo a filaucia de um ferreiro,
que no espêlo de pau se traduzisse.

Ha uma forma, porém, que hoje vigóra
com uma exhuberancia nunca vista,
mais forte dia a dia e hora a hora;
chama-se,—(Almas! de pé!) — Uma entrevista.

«Entrevista-se» tudo. Homens, mulheres,
doidos, ladrões, pygmeus, grandes talentos,
garrafas, garfos. facas e colheres,
a lua, o ceu azul, todos os ventos,

cosinheiras, fogões, pratos, abanos,
mendigos, cacatuas, gente rica,
mi sanga de monarchas africanos,
peixes rubros do Lago Tanganika,

a unha do cavallo de S. Jorge,
o barro apodrecido de uma telha...
—Sim. A «entrevista» é o vasto soutient-gorge
da Ideia Nova que se sente velha...

A coisa em si não é de censurar,
e tem encanto até, quando é escorreita;
mas sinto no horizonte despontar
um moderno processo porque é feita...

Em verdade, uma coisa que nos contem
«eminencias» que vamos procurar,
é escripta hoje *se foi dicta* hontem;
não póde estar de melho, a germinar.

E agóra, em torno, eu vejo, almas amigas
de dar á prósa um lustre todo triques
narrarem-nos conversas tão antigas
como expressões de D. Affonso Henriques

Assim, por mais que faça o jornalista
a coisa cheia a ôcco, as mais das vezes..
Perde toda a elegancia, uma entrevista
que fructifica ao fim de nóve mezes!

TAÇO

questão prévia

Eu gosto de ir ao circo. E' um espectaculo que me repousa o espirito, me alegra os olhos e me fornece, por vezes, aquela pontinha de emoção que sobre o jantar opéra tão digestivamente como um calice de *cognac*.

Talvez não acreditem, mas sou ainda daqueles simples que riem com os palhaços. Rio-me discretamente, é claro, disfarçando a franca e sadia hilariedade que me sacode, porque, emfim, sou português e por mais que eu queira dominar os defeitos nativos não posso deixar de sofrer daquele preconceito, tão generalisado, que se resume na formula: «Parece mal». Desde aquela tenra e distante idade côr de rosa, em que a terceira parte do programa a via eu sempre em sonhos, porque imediatamente adormecia no segundo intervalo, desde essa tempo — ai de mim!— já longinquo, que eu assisto com igual prazer ás farças costumadas do palhaço que pretende apagar com um tiro a luz duma vela, do que bebe o vinho ao companheiro e tantos, tantos outros intermedios que são sempre os mesmos e sempre diferentes—porque é de notar que as farças da pista ainda não encontraram o seu Pirandelo.

E interesso-me pela menina do arame e pelo equilibrista da biciclete e pelos barristas serio-comicos e pelos voadores e pelos malabaristas e não deixo de emocionar-me, numa espectativa anciosa, quando a musica pára, nos segundos de hesitação que preparam o trabalho sensacional.

* * *

Ha só um numero nos espectaculos de circo que eu vejo sempre com uma pontinha de compaixão, a que corresponde, muito cá por dentro, uma certa dose de revolta: é a apresentação de animaes amestrados, sejam eles ferozes ou domesticos. Um tigre saltando um arco ou um cão dando saltos mortaes, teem um aspecto lamentavel de comprometimento, assim um ar de quem afirma que sabem muito bem que não nasceram para aquelas coisas e que só o mêdo da pancada os obriga a executar.

Os senhores já repararam em como fica ridiculo um cavalo, magnifica estampa, deslocando a garupa ao compasso dum «fox trot»? E o elefante, animal imponente, que se imagina vêr passar, ao entardecer, magestoso e lento atravez dos palmares densos da India ou da Africa, como vamos nós depará-lo no circo? A fazer pinos ou, imensamente mais ridiculo ainda, sentado desageitadamente numa célha invertida, com a tromba encaracolada e tendo entre as possantes patas deanteiras uma *miss* magrisela, que faz quanto quer do bicho com um simples gancho de ferro.

E os leões? Com que manifesta má vontade eles fingem uma ferocidade que o longo encerro de ha muito lhes abrandou e rugem só para serem agradaveis ao domador, bocejando logo a seguir e sacudindo indolentemente a juba cortada á *garçonne*.

Se algum dia os animaes, que frequentam as pistas dos circos, se dão conta de que os tempos vão correndo propicios para a solidariedade das classes, ái dos domadores e dos amestradores das bichezas sabias: teremos inevitavelmente uma Internacional dos Animaes Amestrados e o nosso amigo Ricardo Covões será certamente o primeiro a apresentar no seu circo uma *miss* apresentada por um elefante e um tigre real a fazer trabalhar seis crueis domadores, numa jaula apropriada.

ECOS

O duo da «Africana»

Esta trapalhada do Angola e Metropole está em tal pé que ninguem entende nada! Que sim, que sôpas, que aquele tambem, que aquele não, que o outro talvez mas este concerteza, e no fim de contas... não se prova nada mas tambem não se deixa de provar!

De um lado o sr. dr. Pinto de Magalhães a querer contar coisas, do outro, influencias diversas a quererem tambem mostrar a vóz!

Estará ainda com demora, a tão falada chuva de picaretas em braza?

Um livro

O sr. Vergilio Correia lente da Universidade de Coimbra investigador tão erudito quanto serio de processos, acaba de lançar numa esmerada edição uma obra—«Tres tumulos»—a que oportunamente o nosso critico fará referencia, mas desde já o apontamos aos nossos leitores amantes de bons livros, como um trabalho digno das melhores estantes.

Felicitações

Do Sr. Manuel Köpke, nosso assignante n.º 1. e bom amigo e ilustre colaborador, recebemos calorosas felicitações que muito agradecemos. Tambem muitos colegas, entre eles, Norberto de Araujo, A. Portela, Americo Durão, etc, nos felicitaram, o que agradecemos penhorados.

NO PROXIMO NUMERO

Primeiro relato de *O DECTETIVE 523.*

O VENDEDOR DE VENENOS

PREVENÇÃO

—Tem muitas cadeiras bôas?
—Sim senhor! Na primeira fila!
—Refiro-me á solidez porque com o meu peso...

HUMORISMO

crónica alegre

CARTA ABERTA

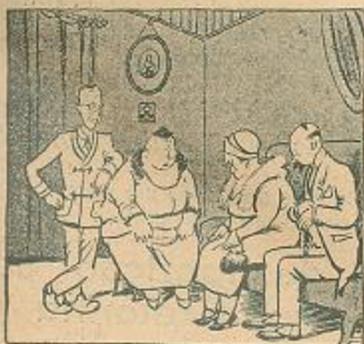
Meu caro senhor:

DIZ V. Ex.ª que eu, na minha forma de escrever, não arranjo fama nem gloria, pois tenho uma prosa dura, áspera, irritante, sem a frescura nem a subtilêza, que aos modernos cronistas se exige.

Avança mais V. Ex.ª que eu não tenho elegancia nos meus pensamentos, que, pelo contrario, caustico constantemente os olhos dos leitores com frases de expressão dura, servindo-me de vocabulos grossos e sem cuidar que

são as senhoras que atualmente fazem as leis sobre a arte da escrita e abrem, com os seus aplausos, as portas da imortalidade.

Estou absolutamente de acordo. Realmente a minha prosa é dura como calhau de estrada e não tem a pirotechnia que em geral se emprega para maior arrebentação de admirações. Os meus pensamentos são despintados, chárros, crús talvez, sinceros sempre e não teem aquela harmonia «snob» que prima nas modernas orchestrações literarias. Realmente eu não escrevo para senhoras, e quando o faço, é para dizer mal, mazela de que me penitencio contrito.

Mas, meu caro senhor, se eu sou assim! Não deixo de concordar que o seu «bout argenté» fica admiravalmente no meio d'um periodo, mas como fumo «Jorro violeta» prefiro empregar esta marca a ter de falcatruar o proximo com mentiras idiotas!

Eu podia escrever:—«Li a sua carta n'um «maple» lilaz, sob a luz coada d'um «abat jour» «rose» onde duas figurinhas chinezas parecem aspirar o perfume quente d'uns cravos rubros que tenho sobre a meza de meu escritorio «imperio»; mas a verdade é que de «maples» nem sombra existe cá por casa, que o meu escritorio reduz-se a uma casa com livros em volta e uma tôsca meza a um canto e no que toca a floricultura, tenho-a representada num pobre mangerico de quinze tostões que cheira que é um regalo! Não, meu caro senhor, eu só sei lidar com a verdade e ante a possibilidade de entrar no Panteon com mascara no rosto, prefiro baixar a uma sepultura raza com a cara que Deus me deu, bem á vista.

Não sou elegante? Não sou simpatico? Não tenho chic? Mas, meu caro senhor, eu não faço prosa para tirar o retrato! E demais, se eu e mais alguns não escrevessemos assim, como poderiam brilhar os outros? Cada qual é como Deus o fez, convença-se disto! Uns escrevem de calção? Eu escrevo de calças até abaixo, é mais grosseiro, mais antiquado, mas, que quer? eu tenho as pernas tão feias...

CÃES

Uma loja da baixa, que tem á venda de tudo, desde a peça de setim á lata de sardinhas, costuma expôr em pequenos caixotes gradeados, uns cãesitos magrizelas, os quais, segundo reza o letreiro que os afirma uma «raridade de raça canina», custam oitenta escudos por focinho.

Ao principio julguei que os bichos faziam parte de alguma «ménagerie» que lhes ensinára a fazer habilidades nos circos, mas hoje constatei que os três «Foxs», como lhes chama o letreiro, a unica anormalidade que possuem é... não servirem para cousa alguma.

Escutava esta explicação, quando uma senhora, sacando da bolsa umas tantas notas, pagou um dos irracionais, e, beijando-lhe a cabeça, lá o levou no regalo felpudo, ufana da compra.

Ora para que demónio quererá aquela senhora o cão?

O maldito, quando o agarraram, parecia atacado de «delirium tremens»; gania como se visse serpente. Portanto, não acredito que o enverguem nas atribuições de cão de guarda. Será porque a falada senhora, conhecendo o celebre aforismo — «Quem tem medo compra um cão», e enc ntrando-se nesses casos, quiz seguir a receita? Acho que não. Primeiro, porque o bicharoco não tem corpo para tirar o medo a ninguem, segundo porque, para um fracalhão daqueles, até eu era Baeta...

Mesmo para fazer a experiencia de colar manteiga no nariz, com o preço dessa gordura, não me parece a prova de grande utilidade.

Depois, oitenta escudos sempre são duas vezes quarenta e, por esse preço, podia muito bem a compradora encontrar um cão maior que, quando morresse, sempre lhe poderia legar a pele para fazer um tapete.

Não encontro, pois, razão que justifique a aquisição do canino. Vaidade? Mas que vaidade pode haver em possuir um cão que não serve para cousa nenhuma e que é preciso trazer sempre com veterinario aturado, não vá uma maleita atirar com ele para o céu dos cães?

Se fosse o celebre «cão vadio que não tinha coleira e não pagava imposto» ainda o caso se podia tomar á conta de filantropia, mas aquele pelo contrario, tinha uma coleira de laçarotes azues e com respeito a imposto, oitenta escudos não é brincadeira!

Emfim, o bicho a esta hora deve estar muito animado, com a barriga cheia de leite e não lhe faltarão cuidados nem meiguices. Só eu, que não

custo oitenta escudos, não encontro ninguem que me garanta as subsistencias e me tire desta autentica vida de cão...

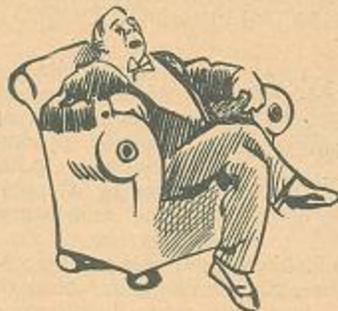
DORMIR

«Dormir... sonhar!»—disse Hamlet, que nestas coisas de sonécas era entendido e, no seu tempo, via mais a dormir que todos os outros acordados.

Dizem que deitar cedo e cedo erguer dá saude e faz crescer. Eu, por mim, nunca estive doente, tenho um metro e setenta e tantos de altura e não me lembro de me deitar antes da uma, nem levantar áquem das nove, o que prova que a chamada «voz de Deus» muitas vezes não sabe o que diz e faz supôr que tambem lá pelo jardim do Paraizo ha muita flôr de retorica.

Não conheço maior prazer que um sono profundo, daqueles de acordar para o mesmo lado, e creio que todos, desde os bichos-homens aos bichos-bichos, tudo pensa na mesma, seja ele «um soninho descançado no açafate de costura» ou uma «Sésta do Abade» com variações de contrabaixo de volta e assobios repenicados.

«O sono é a imagem da morte» dizem para ahi alguns filosofos atacados de insonias, mas, se assim é, eu não me importaria nada de ter vindo ao mundo dentro dessa imagem, isto é, de ter nascido morto.

E' certo que a sentença do «come e

dorme» não me quadra bem ao feitio, mas o que não posso deixar de dizer é que dormir é a melhor coisa que o homem pode fazer, quando tem uma cama a geito.

Depois, dormir implica sonhar, e eu, que felizmente nunca sofri de pesadelos, sou um fanatico pelos sonhos. O que eu tenho sonhado!

Já por umas poucas de vezes sonhei que era maestro e que linda musica eu regia! Doutra, sonhei que era valente e dava cada soco de rebentar um elefante! No capitulo amor é uma delicia! Volta e meia, tenho mais de trezentas senhoras apaixonadas por mim! E' verdade que pela manhã, quando acordo, é uma desilusão, mas se eu não sonhasse não era muito pior?

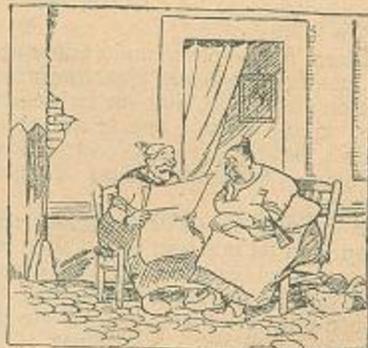
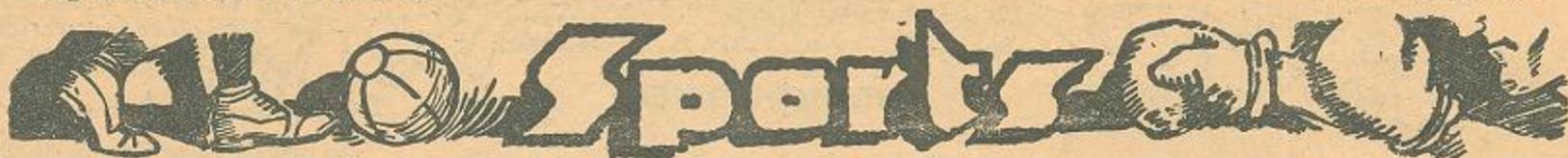
Em sonhos bizarros tambem tenho uma coleção muito razoavel. Já por uma vez fui ao Brazil em bicicleta e, por outra, achei-me a pôr oleados nas naves da Catedral da Colonia! Se eu até uma vez sonhei que era carro electrico e que fazia viagem para Algés! E aquilo tinha uma certa graça; passava á frente das carroças, não fazia um unico atropelamento, tinha um condutor muito delicado, não levava nada pelas passagens, um sonho, emfim! Só uma coisa me atrapalhava deveras. Era o guarda-freio ir constantemente a bater-me com um calcanhar num olho, julgando que era a campainha.

E afóra o sonho, quantas delicias não

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 4

A PROVINCIA NO TEATRO

—E gostaram do espectaculo de hontem?
- Muito! Quando acordámos, já eles tinham todos casado!

A FORÇA DO HABITO

—Eu, o que mais gosto de lêr nos jornaes, é a cronica elegante!
—Como se conhece que você já esfregou a escada de um visconde!

ECOS DE SPORT

A REUNIÃO DE BOX, DE SEXTA-FEIRA NO COLISEU

Sexta-feira, dia de azar, o pesadissimo Santa reapareceu, em Lisboa, contra o pesado Barrick. O publico que teimosamente persiste na sua ingenuidade correu «por todo o preço» ao Coliseu, fazendo os organisadores uma casa cheia e um lucro bonito em espectaculos d'aquele genero. Em Portugal, como nos outros paizes, os homens de 100 kg. teem injustamente mais cartel que os pequenos boxeurs, que em via de regra, dão melhores encontros, e mais agradaveis á vista porque a velocidade é o elemento essencial de valorisação d'um combate de box. Mas o publico emociona-se mais com o volume, e d'ahi a necessidade dos organisadores, para facilitarem o lucro, de reclamarem esmeradamente os pesados, cuja virtude está apenas no numero de kilos que exibem na balança.

Assim Santa-Barrick foi um combate falho de interesse pugilistico, monotono, mas que parece ter emocionado o grande publico, a avaliar pelo barulho com que o seguiu.

Os progressos de Santa já não dão motivo para grandes esperanças. O famoso Dempsey português,—ideal sonhado por quantos seguem a intriga internacional do box—ainda não trepou aos nossos rings.

Pouco teem conseguido do gigante nacional os dirigentes da sua educação tecnica. Apenas lhe notei maior mobilidade, mais aparente que eficaz visto que não lhe beneficia o trabalho modestissimo que produz.

Barrick fez um combate honrado, e passado o receio dos primeiros 5 rounds, receio que o handicap de 10 ou 11 kilos justifica, foi melhorando, chegando a impor-se, tendo nos ultimos rounds desnorteado o corpulento adversario. Nem por isso poude deslumbrar-nos com a sua tecnica, que é modesta.

O publico pareceu-lhe muito mal que o francez metesse a cabeça de vez em quando.

E' verdade que algumas vezes o fez intencionalmente, mas a desproporção de altura facultou que se lhe carregassem a parte, muitas vezes, sem razão.

Para nós o resultado do match, não foi o que se deu, nem o contrario. O match nulo satisfazia-nos.

No combate de abertura entre dois meios-leves, ambos com condições para educar, um d'eles, ou por falta de pontaria ou por convicção de não se puder manter gloriosamente, abusou do golpe baixo, pelo que o arbitro deu a victoria ao outro.

No segundo combate preliminar, F. Brito, velho boxeur sem ambições, fez o pouco que póde e sabe, contra um novato do Porto, muito mais forte fisicamente, com um corpinho excelente, mas com manifesta falta de temperamento.

Faustino e o argarvio Guerreiro, fizeram «reprise». O combate foi a copia fiel do que uma vez lhes vi fazer, no S. Luiz, com muito pouco agrado. Guerreiro deu directos da esquerda, com fintas pitorescas da direita, chegando 90 % á cara de Faustino. Este por sua vez limitou-se a recebe-los e lá de quando em quando lançou o seu sewing de trajectoria parabolica, para alvo existente em local desconhecido.

FRANTZ

I PORTUGAL-TCHECO-SLOVAQUIA

Para o Porto, onde vai fazer, especialmente para o nosso jornal, a reportagem fotografica deste sensacional encontro, parte o nosso colaborador sr. Raul Reis.

CRONICA ALEGRE

CONTINUADO DA PAGINA 3

tem o dormir?! Dormindo, a gente não vê a vida encarecer, não se pagam contas, não se pensa, não se fala, nem se dizem tolices!

Dizem que o dormir muito, enfraquece, mas devo confessar que se durmo oito ou nove horas, sinto-me mais energico do que nunca e que, se sou obrigado a passar duas noites em branco, no outro dia não me posso ter nas pernas.

E o caso é que de tanto falar em sono já quasi que nem posso abrir os olhos e a cabeça se não me caiu já por trez vezes, é porque a tenho presa ao tronco por um canudo, a que é costume chamar-se pescoço... Nada... Já chegou o João Pestana. Até domingo se Deus quizer...

HENRIQUE ROLDÃO

Os Sports na Provincia

AVEIRO, 16.—No dia 10 realisaram-se 3 desafios de foot-ball nesta cidade. A's 11 horas da manhã jogou a Associação Deportiva Ovarense com o Aguia, tendo vencido o 1.º por 5 a 1. De tarde o 2.º team dos Galitos venceu por 2 a 1 o Sport Club Vista Alegre e o 1.º team empatou por 2 bolas com o Sporting Club do Bristol. Este resultado não correspondeu á espectativa geral, pois julgava-se que o Bustelo fosse facilmente derrotado. Verdade seja que alguns tiros magistrais de Natividade foram defendidos pelas traves, e o dominio que os Galitos exerceram sôbre o adversario, especialmente na 2.ª parte fossem dignos de melhor sorte. A assistencia desta vez contentou-se simplesmente em apupar o Keeper do Bustelo. pelo seu acto anti-sportivo, de «shootar as bolas para fora do campo com o fim de se perder tempo, tempo este que o arbitro não descontou, mas ainda acabou o encontro antes dos 00 minutos.—C.

O CONCURSO DO CAMPEÃO

O nosso jornal continua hoje o concurso! Trata-se de ver quem acerta com o nome do Campeão de Lisboa em foot-ball, na Divisão de Honra, em 1925-26.

AS CONDIÇÕES SÃO:

Recortar o coupon abaixo e envia-lo, devidamente preenchido, a esta redacção—Secção Desportiva.

No caso do resultado ser um empate, servirá o numero de pontos dos outros classificados—para o desempate. No caso do empate subsistir, um sorteio, designará o vencedor.

Um valiosissimo premio será sorteado entre os leitores que acertarem.

O CAMPEÃO SERÁ

Belenenses	pontos
Sporting	»
Bemfica	»
Victoria	»
Carcavelinhos	»
União	»
Casa-Pia	»
Imperio	»
Nome	
Morada	

CASTELO BRANCO, 10. — Com enorme concorrencia realisou-se hoje o segundo encontro de foot-ball entre os Clubs desta cidade, para disputa dum bronze.

Jogaram os Clubs — Gremio Desportivo União e o Sport-Lisboa e Castelo Branco, ficando este victorioso por 1-0.

Notou-se uma grande falta de entusiasmo da parte dos jogadores do Gremio que muito contribuiu para esta derrota, que teria sido muito maior se não fosse a muita pericia com que se soube haver o seu guarda-redes que nos deixou apreciar belissimas defesas, mostrando mais uma vez os vastos conhecimentos que possui do lugar que ocupa.

O proximo encontro será entre o União Artistico Albicastrense e o Sporte Lisboa e Castelo Aranca.—C.

EVORA.—Realisou-se no preterito domingo, 10, no Campo Estrela (Ateneu) um desafio de foot-ball entre duas linhas de socios do Lusitano Ginasio Club; (solteiros e casados) para desforra de um outro, realisado ha dias, em que os casados foram vencidos.

Antes de o arbitro dar inicio ao jogo, os dois capitães encaminharam-se para a assistencia e convidaram a dar o pontapé de saida, a Ex.ma Snr.ª D. Mercedes de Figueiredo, gentil e muito inteligente aluna do nosso Liceu, sendo muito aplaudida pela assistencia.

Coube aos «casados», a bola de saida, os quais fizeram uma avançada ao campo adversario mas sem resultado.

O jogo decorre durante os primeiros vinte minutos, a meio campo havendo de parte a parte varias fugidas perigosas mas sem consequencias.

Contra os «solteiros» foi marcado um canto, que magnificamente chutado por Mario Freixo (p. direita), origina a primeira bola da tarde metida por Salvação (m. direita) com um cabeça, sendo os casados muito aplaudidos pela assistencia.

Depois de mais algumas avançadas é marcada a segunda bola, pelo Dr. Mario Lemos (centro) dos «casados» que está deligente e bem colocado. Mais aplausos para os «casados» e é então que os «solteiros» reagindo, conseguem a primeira bola marcada por Joaquim Banha, (half. direito).

A bola vem ao centro, e os «casados» apoderando-se novamente do esferico, conseguem por intermedio do Dr. Lemos a terceira bola.

Primeira parte, «Casados» 3, «Solteiros» 1;

Iniciada a segunda parte, os «casados» continuam dominando os «solteiros».

Napoleão Palma (half. centro) dos «casados», marca a quarta e ultima bola a favor do seu «onze».

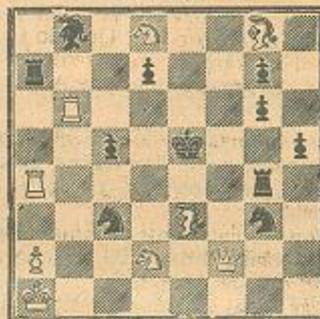
Bola ao centro e os «solteiros» fazem algumas avançadas ás redes adversarias, mas lá está magnificamente colocado o guarda-rede tenente Fausto da Conceição que nos mostra ter excelentes qualidades para o lugar que ocupa; os «solteiros» insistindo ainda, conseg em marcar por intermedio de João Banha, (m. esquerda) a segunda e ultima bola da tarde.

A arbitragem a cargo de Bandarra, foi um pouco deficiente.—C.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 52

Por H. V. Tuxen (1.º premio 1923)

Pretas (11)

(Brancas (1)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Este Problema é uma obra de mestre, de factura moderna.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 50

1 T 8 C R

Na defesa as Pretas pódem jogar P 3 B, P 4 B, P 3 D e P 4 D interceptando a acção de cada uma das Torres pretas.

E' esta intercepção de dois Piões por quatro vezes que constitue o tema Magee.

Resolveram os srs. ·ereira de Figueiredo Zagalo Fernandes, Grupo Albicastrense, Bettencourt da Camara, Vicente Mendonça e Marques de Barros.

NO PROXIMO NUMERO

Iniciaremos uma nova pagina de grande interesse com OS MAIORES ACONTECIMENTOS INTERNACIONAES

UM POUCO DE SCIENCIA
NOTAS ENCICLOPEDICAS

De tudo será dado um pouco.
Leia no proximo numero:

A desaparição da Gran-Bretanha

PREVISTA PELO FAKIR
THAKYA-KHAU

á sucapa...

Surriu... zurrou...

Uma vez assisti com Julio Dantas á representação da «Ceia dos Cardeais». O eminente escriptor estava comigo num camarote, e em baixo, no palco, três maus actores a ssassinavam os seus belos alexandrino s.

Ha uma frase que simbolisa toda a personagem — diss e-me o meu ilustre companheiro — é este «sorriu» do Montmorency... O Rosa dizia-o admiravelmente... Este homem, coitado, parece que diz em vez de «sorriu...» «zurrou...»!

O nosso repugnante "snobismo", e o patriotismo dos espanhoes

A «Severa» de Julio Dantas foi agora representada no «Tivoli» de Barcelona. Pois nem nos cartazes do teatro, nem nos programas, nem nas noticias dos jornais se fez referencia ao autor português. Agora o oposto. Quando uma companhia francesa representou no S. Luís «La fausse route», de Augusto de Castro, teve uma casa fraquissima, tendo tido sempre enchentes antes dessa peça. Quando Signoret fez no Politeama «Le souper des Cardineaux» de Julio Dantas teve menos de meia casa, tendo tido sempre antes bôas receitas. E' bem certo que santos de casa não fazem milagres e é bem certo tambem que nós somos dos povos que mais têm perdido a noção da dignidade social e que apenas consideram a ideia da patria no campo ingenuo e restricto das reinvindicações militares.

O mercado dos bilhetes de "Claque"

Cá voltamos nós á mesma! A desorientação dos directores de teatro atingiu tal culminancia que, com seu consentimento, se faz esta bonita coisa, que passo a relatar:

Em frente da leitaria «Chic», no talhão que divide a rua lateral da central, todas noites pela nove, se reunem os variados chefes, sub-chefes e quasi chefes das varias «claques» e mesmo ali, nas barbas do publico, se procede á venda dos bilhetes que cada empreza cede para que tenha palmas no espectaculo. Até aqui já a coisa é feia. Mas temos mais e muito mais engraçado: Como ás vezes os possuidores dos bilhetes não arranjam numero de pessoas suficiente a quem passar os logares, a entrada «é oferecida a quem passa», mais ou menos nestes termos:

—Quer ir ao Teatro X? Tem aqui um «fauteuil» por cinco mil reis!

E assim se faz o descredito de uma casa de espectaculos com consentimento das direcções que acham graça á piada e não vêem que este facto é mais grave do que parece.

Qual é? Qual é?

O leitor naturalmente já o conhece! E' aquele rapaz de cabelos brancos que quando fala parece um «jazz-band» como diz o escritor João Bastos, que tem o dom de, sendo um extraordinario optimista, entornar a sua alegria para cima de quem lhe está á beira, e anda mostrando com ufania a corrente de oiro que o ilustre actor Brazão lhe deixou como lembrança de profunda amisade

Pois o «Qual é?» que se chama Guimarães e é Brazão por homenagem, foi contratado para a Companhia Satanella-Amarante... com a condição de citar trechos de Camilo e levantar o patriotismo dos artistas da mesma companhia! E agora só falta que n'uma proxima peça o contra-regra lhe grite:

—Entra!

A Biblioteca

Alguem nos pede que tornemos publico que na séde do «Gremio dos Artistas Teatraes» se está elaborando uma biblioteca. Qualquer dadiva para a feliz iniciativa será um belo gesto que muito aplaudimos.

NO TEATRO DE S. LUIZ

SERÁ NA PROXIMA SEGUNDA FEIRA 25 QUE SE REALISA A

Noite de Augusto Rosa

Apesar das enormes dificuldades, tudo leva a crer que na proxima 2.ª feira, 25, consigamos reunir no palco do lindo teatro S. Luiz, o admiravel espectaculo que planeamos. Tudo agora depende da bôa vontade des interpretes a quem foi entregue a distribuição dos respectivos papeis, e aos seus ensaiadores. Como dissemos a peça «Punindo» está entregue aos cuidados da ilustre professora D. Lucinda

A distinctissima artista D. Maria Pia de Almeida, figura de enorme elegancia e aristocracia da nossa scena, que fará um papel na peça «Punindo».

Simões, figura eminente do nosso teatro. Os ensaios da «Leonor Teles» estão a cargo de Carlos de Oliveira, competentissimo profissional de teatro, e que na nossa scena ocupa tão brilhante lugar.

Adelina Abranches recorda, afanosamente, o seu monologo do Vaqueiro. Castelo Branco, o distincto professor de indumentaria do nosso conservatorio, encarrega-se do guarda-roupa.

O guarda-roupa Cruz, sob a habilissima e competente direcção do nosso amigo Oliveira, ocupa-se de vestir duas figuras: Alves da Cunha e Berta de Bivar. As cabeleiras são desse grande colaborador de Teatro que é Victor Manuel.

* * *

E' muito de salientar o esforço grande que espectaculo representa para os varios artistas, todos eles primeiras figuras, sempre assoberbados com extenuantissimo trabalho. Mas tudo seguirá bem, porque a bôa vontade de todos e o alto fim educativo e prestigiante para a arte dramatica que se procura atingir bem merece a simpatia des que se interessam por teatro. Será pois uma grande noite a que dedicamos á memoria de Augusto Rosa.

* * *

Alem dos artistas cujos nomes já temos citado, e que entram no original de Augusto Rosa, temos a registar a adesão de Matos Reis, o brilhante galã da companhia do Gymnasio, e Valerio de Rajanto, que tem trabalhado como primeira figura em magnificos elencos, como os de Chaby e Aura Abranches.

* * *

E' o mestre Laurentino Martins que com o mestre do S. Luiz, serão os maquinistas do espectaculo.

* * *

A afluencia á bilheteira do S. Luiz é enormissima, repetindo nós aos nossos leitores o pedido de que façam ali as suas requisições de bilhetes, e não no nosso jornal.

* * *

Aos notaveis emprezarios Srs. Dr. Ricardo Jorge, Luiz Galhardo, Luiz Pereira, Erico Braga e Macedo e Brito, agradece este jornal e a Revista «De Teatro» todas as facilidades que têm dado para a organização do espectaculo.

A magestosa sala do Teatro de S. Luiz terá nessa noite um aspecto deslumbrantissimo como será de calcular. Sabemos que muitas pessoar que adquiriram «fauteuils» e outros lugares em em evidencia levarão traje de «soirée»

* * *

Os mobiliarios são da Sociedade de decorações scenicas Limitada, e o acto da consagração de Augusto Rosa deve constituir um aspecto muito brilhante, pois terá lugar uma grande rotunda de veludo, onde sobresai numa escadaria monumental com o busto do grande actor.

* * *

Aos nossos colegas que se tem referido com palavras de louvor a esta iniciativa, agradecemos as suas palavras amigas,

S. Carlos — Companhia Lucilia-Erico «Os Homens de Hoje», enorme exito com Lucilia, Amelia Pereira e Almada.

S. Luiz — A opereta de grande sucesso «A Moça de Campainhas».

Gymnasio — «Tia Andreza», com Gil Ferreira e Alegrim.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «A Tentação».

Eden — «Fungágá», grandiosa revista. Direcção de Sant'Ana, Laura Costa e Gomes.

Trindade — Brevemente a grande companhia Velasco: «Feria de las Hermosas».

Apolo — «A Taberna» de Zola, colossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina e Berta

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL INCOMPLETA...

Carta muitissimo aberta

A uma, decerto, ilustre desconhecida que pretende conhecer-me. Para M.me V. de S.

Ex.ma Senhora

PERMITA-ME que antes de responder, como me cumpria, á sua tão amavel, tão gentil e tão elogiosa *missiva* (é o termo empregado nestes momentos) eu previamente explique, qual a razão ou razões, que me levaram a responder a V. Ex.a, primeiro, do que a qualquer das outras senhoras que, mais ou menos, abundam nas mesmas ideias e vão decerto extranhar que eu não tenha para todas egual procedimento.

Vou, porem, provar a justiça desta minha, aparentemente, injusta, preferencia.

Em primeiro logar a carta de V. Ex.a era de todas a mais extensa, a mais volumosa, a mais pesada.

Parece-me ser esta já, na verdade uma razão de pezo.

Depois foi V. Ex.a a primeira a entrar no quadro, a primeira da escala, a primeira que figura nesta bicha epistolar e que deve ser portanto primeiramente atendida.

Porque, se bem que esta bicha sentimental, não meta policia como a do carvão ou a do assucar, eu sou muito zeloso dos direitos de cada um—neste caso de cada uma—e só atenderei quem estiver primeiro, respeitando assim escrupulosamente a ordem das entradas e até mesmo a desordem das saidas por vezes imprevistas e precipitadas.

Finalmente, tem sido V. Ex.a a mais assidua, a mais persistente, a mais constante de todas, o que simplesmente demonstra a sinceridade das palavras que me tem endereçado e merece bem, por tanto, o favor da primazia concedida e o beneficio do previlegio tão justamente conquistado.

Assim por todos os considerandos expostos é para V. Ex.a que primeiramente dirijo as minhas pobres palavras, que poderão de resto ficar como

Talvez uma exposição na Bobone, em qualquer montra...

resposta e ser aproveitadas por todas a quem possam egualmente servir.

Costumo responder sempre ao que me escrevem e não gosto de desgostar uma senhora.

Como, porem, os assuntos de varias cartas são por vezes identicos, respondendo a uma, terei respondido a muitas outras.

* * *

Assim tambem o desejo por vezes manifestado de me conhecerem pessoalmente, se me torna impossivel de satisfazer, porque na verdade não posso andar a mostrar-me aos domicilios.

A não ser que os pedidos de freguesia n'este sentido, se tornem muito frequentes; porque então não poderei deixar de resolver o caso de qualquer forma.

Talvez uma exposição na Bobonne ou em qualquer das montras da baixa.

E por fim talvez mesmo uma secção especial, de serviço aos domicilios, de que tomarei a direcção sob o pseudonimo, n'esse caso preciso, do CAVALHEIRO ERRANTE.

Mas tudo isto vem apenas para me justificar e para mostrar que muitas vezes, por muito bôa vontade que tenhâmos de satisfazer todos os pedidos, as circunstancias o não permitem.

Mas vamos então propriamente á sua carta; e prometo não me distrair de novo.

Justifica V. Ex.a, e muito bem, o motivo do seu gesto ao escreverm'a, pela inclinação que tem, segundo diz, para as pessoas de espirito.

E cita-me aquele bocadinho do Snr. Julio Dantas: «o espirito, essa força subtil e tenuissima quasi que é a alma do gesto e a nobreza da frase;

E mais deante:

«se ao homem vence a espada e se é belo o vencer, o espirito faz mais, porque vence a mulher.»

Não é muito vulgar n'uma senhora o confessar-se vencida e para que ela o diga é preciso que a derrota tenha sido completa.

Vejo no entanto com prazer que V. Ex.a é das raras que se não perturbam perante o tilintar da espada d'um cadete.

Prefere pelo contrario e simplesmente se rende, ante as subtilezas do espirito e os requintes de graça de qualquer «Montmorency» de trazer por casa.

N'esse ponto estamos d'acordo.

Só devemos procurar de facto o que nos possa dourar esta pilula da existencia que nos obrigaram a engulir e que sem qualquer coisa que lhe amenise o sabor, é um remedio bem amargo.

Efectivamente a felicidade não está só no conforto, na riqueza, na abun-

Uma lagrima, um beijo...

dancia; está principalmente na bôa disposição que dá a saude, que dá o riso franco, sincero, aberto, que é o verdadeiro sol do espirito e o unico que nos póde dar a alegria de viver.

Simplesmente extranho que V. Ex.a, em toda a carta se refira sempre ao dia a dia, no desejo de alguem que lhe torne alegre a vida desde manhã ao pôr do sol, sempre na esperança de melhores dias etc.

O que me obriga a concluir que teme a escuridão da noite visto que d'ela não fala. Talvez a destine simplesmente ao repouso, não desejando para ela a mesma boa disposição, que procura á luz do dia.

Quererá portanto, n'esse caso, um marido com espirito apenas de sol a sol, um marido estilo mulher a dias?

Não encontrará com facilidade.

Eu por exemplo, estou bem ou mal disposto a qualquer hora.

A minha alegria não tem horas certas.

Finalmente V. Ex.a na sua natural curiosidade por tudo o que me diz respeito, trata de inquirir os meus reconditos sentimentos e pergunta-me francamente, se eu nunca amei.

Isso nem se pregunta minha Senhora.

Ou supõe-me um ser anormal, sem coração? Frio, granitico, marmóreo?

Oh! não minha senhora. Tenho tambem como V. Ex.a um coração, que por vezes pulsa mais do que devia. Se eu nunca amei!

Mas vire a pagina, minha Senhora, vire a pagina, por que a isso, apenas lhe respondo com aquele outro bocadinho do Senhor Julio Dantas:

«Pode-se lá viver sem ter amado alguem, sem sentir dentro d'alma tudo o que vem a paginas 29 do mesmo livro do citado autor?

Acho, porem, que V. Ex.a se não deve guiar muito pelas opiniões do Cardeal Gonzaga.

Desde o Snr. Julio Dantas para cá, o amor tem mudado muito de figura.

Agóra é já bem diferente o amor em Portugal, nas Colonias e mesmo no estrangeiro.

O tal amor coração, o tal amor sentimento estão pela hora da morte.

«Uma lagrima, um beijo, uns sinos a tocar.

Um parsinho que ajoelha e que se vai casar»!

Isso sim!

Nada de lagrimas; muitos beijos (pelo menos), um jazz-band a desafinar, um par que dança o tango e nunca mais chega a casar, porque as mobilias estão carissimas, os trespasses são fabulosos e os bons empregos pertencem todos a revolucionarios muitissimo incivis.

Já não é tudo tão simples como d'antes.

O amor hoje é uma coisa complicadissima.

Já se não inflóra de rosas, como na opinião do reverendo cardeal, mas apenas de espinhos.

Suponho mesmo que tal amor só poderia encontrar-se na tempo dos romances de cavalaria, nos romances de capa e espada. Agóra tudo mudou com o ambiente e com a propria mise-en-scene.

Hoje os romances são todos de taximetro e quanto a indumentaria, adotámos o impermiavel e as galochas, porque na verdade estamos todos a pedir chuva.

Já não existe aquele amor capaz de fornecer motivo para um drama em 5 actos ou para um romance em fasciculos.

Já não... mas já não lhe digo mais nada, para não a desgostar com este meu terrivel pessimismo, só proprio d'uma pessoa que faz humorismo como eu.

O amor como V. Ex.a o sente, é belo, sim; mas é hoje tão raro infelizmente!

Enfim eu acredito no seu, porque a sinceridade que transparece das suas palavras m'o impõe; mas se assim é, como diz, é hoje uma coisa tão rara, tão preciosa, que me parece melhor não se aventurar muito com ele, resguardando-o bem, para que se não perca.

Estou já d'aqui a antever a desilusão, toda romantica, com que lerá estas minhas palavras.

—Mas não é verdade que aprecia a boa disposição, o riso, a alegria, o espirito?

Entendi que não devia por isso, dar a esta resposta, o tom tragicamente melodramatico d'um final d'acto.

E limitei-me a responder ás suas

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A "RATOEIRA" DA RUA DOS VINAGRES

Deliciosa novela cheia de pitoresco lisboeta, sobre dados colhidos no Governo Civil, dos apontamentos dum dos mais celebres agentes portugueses.

—GRANDE Hotel das Duas Nações!
—Francfort-Hotel!
—Hotel-Francfort!
—Sud-Atlantique Hotel!
—Pension Hotel!
—Hotel Metropole!

E o barulho ensurdecedor dos corretores de hoteis cresceu, sobre a carruagem do «Sud» onde uma franceza oxigenada e «fanée» estendia os olhos pisados da viagem pela gare buliçosa e cheia do mulherio que regressava feliz do Senhor da Serra. Ia uma azáfama na estação. Eram os grandes magotes das guitarradas, flôr no chapeu e bentinho na lapela, os padeiros de harmonium, a saloiada de Belas e do Lumiar, de Carriche e de Odivelas, cheias do vinho e do peixe frito da romaria popular de Lisboa.

Foi com custo, que aquele casal lento e pesado dos Alencar saiu, aos encontrões, desde o estribo do «sleeping-car» até ao atrio, donde um taximetro os levou á porta do Metropole.

Traziam bagagens, «decorées» de inumeros rotulos bonitos de hoteis caros, e o mais recente era o do Avelames, nas Pedras Salgadas, onde M.me Alencar fizera a cura de figado, naquele começo de Agosto tepido e claro.

O comendador Alencar era um homem pezado, forte, cuidado na toilette, de olhos repolhudos e serenos, a face avermelhada daquelas picantes «benedictines» do fim do jantar, bigode rapado, certa distinção de maneiras e um brilhante fulgurante na seda escura da gravata.

M.me Alencar, mais gorda e mais velha, era destas creaturas que parece dormitarem sempre, na vaga indecisão nebulosa duma miopia triste; para quem a vida, da vastidão imensa do

Aquele casal pesado e lento dos Alencar...

seu abdomen, tem a expressão dum fardo massudo, e para quem a felicidade é apenas uma bôa digestão, sem arrotos nem flatulencias.

* * *

Alencar fixara-a logo ao sair do comboio. Fazia lembrar um gaivota elastica e musculosa, que fixasse a terra para debicar um grãosito.

Tinha nas pernas o ar nervoso e impaciente das bôas eguas de raça. Os olhos largos, rasgados sob umas sobrancelhas macias e negras como penugens de corvo—tinham o brilho dôce dos esmaltes antigos. Na sua pele, morena, fresca e virgem como as petalas, havia os reflexos «mâtes» de certas figuras de cera. Usava sobre os ombros, com o donaire duma andaluza, o seu chaile rico, e o lenço de seda, posto á maneira castiça no pescoço, sobresaía nas ondas do cabelo sedozo e farto, apartado em marrafinhas fadistas sobre a testa, e todo em caracolitos meudos a esconder as orelhas...

* * *

No caminho para o hotel, Alencar levava-a na ideia.

—O raio da pequena...

Devia ser um capricho dos sentidos aquela predilecção pelo ar canalha daquela morena que andava a sirandar pela Estação. Não conhecêra, êle, Alencar, as melhores mulheres, em Biarritz, em Deauville, em Nice?

Não fôra sua amante—paga ali em bôas «sterling-pounds» — a propria Clara Ravel, estrela do «Casino»?

Que de interesse novo ou fantasia poderia haver nessa rufia lisboeta, posta ali, ao acaso, na gare, á pesca do primeiro pacovio ingenuo da provincia?!

* * *

Entraram num aposento, e Alencar, tirou o sobretudo, lavou ligeiramente as mãos e desceu. Da porta telefonou para o quarto: «Vou tomar um café e volto ás 8». Queres ir ao teatro?

M.me Alencar estava muito cançada e preferia ficar. Que fosse ele se quizesse. Até já.—E saiu, fresco, luvas de camurça, a morder um charuto de principe entre os labios fortes e sensuais...

* * *

A «Fernandinha» era a grande isca. Quando ela dava um giro nunca vinha só. Mais aqui, mais ali, alguem a seguia sempre. E se o publico lhe faltava, havia um sitio que era sempre um manancial—a Estação. Ela lá estava, em dias de movimento e de alegria, a sirandar, lançando sobre a massa negra do pôvo os seus olhos lindos, como dois

... a «Fernandinha» andava por ali a sirandar!

anzois terriveis, que faziam estremecera o mais forte e o mais seguro.

Alencar, atravessou o Rocio e voltou á Estação. Estaria ela ainda lá?—E entrou resoluto e conquistador no rez-do-chão.

Com efeito, a «Fernandinha» saia do elevador.

Franziu o sobr'olho lindo, lançou as duas ameixas negras dos olhos sobre Alencar, a fulminá-lo, e largou-lhe logo á queima-roupa: Outra vez?! E' molestia...

Alencar sorriu... Quem se quer bem...

—Temos conversado, velhinho... disse ela mostrando os dentes maravilhosos.

—Velhinho?...

— E' um dizer... Ha-os bem peores...

—Acha?

—Pois st'á visto...

—E' muito amavel...

—Não custa dinheiro...

—E' muito amavel e muito bonita, sabe?...

—«Rigula...» ha peor.

—O que não ha... é melhor!

—Favores...

—Onde vai?

—Dar um giro.

—Muito longe...

—Onde calhar...

—Quer ir de automovel.

—Ná... Eu nunca saí destes sitios...

E seguiram os dois, pela rua do Principe, sob os olhares bregeiros que saiam dos cafés apinhados áquela hora...

* * *

Estreita, como um funil entre os predios altos, a Rua dos Vinagres tinha o quer que fosse de marroquino na luz doirada da tarde. A roupa estendida nas janelas, como num extranho arraial de pagode indiano, enfeitava as sacadas, onde as trepadeiras caiam em golfadas verdes por entre as grades. Num predio de quatro andares, esguio como uma chaminé, pintado de côr de rosa, a «Fernandinha» parou. Que subisse o senhor se quizesse, que o quartinho estava muito asseado, e de manhã tinha queimado alecrim, para defumar a casa...

Ele entrou na escada, e logo, na penumbra dos primeiros degraus, colou boca com boca, sorvendo daquela polpa vermelha dos labios frescos esse estonteante perfume de mocidade que a «Fernandinha» irradiava...

Tocou-lhe mesmo o esmalte alvissimo dos dentes, regulares como perolas, e beijou-lhe as gengivas que eram claras como cerejas meio-maduras...

* * *

Era noite quando Alencar saiu, tendo deixado sobre a pedra partida do «toilette» duas notas de cincoenta.

E ao descer os ingremes degraus ao furtivo clarão dos fósforos, pensou nessa picante e imprevista aventurasita.

Não tinha dado dois passos alem do limiar da porta, quando um homem forte, de grosso bengalão se acercou dele.—Donde vem o senhor?

—Que lhe importa?

—Não tenha receio, diga. Sou agente. O sr. vem da casa da «Fernandinha»...

—Que lhe importa, repito?

—Mau... ó senhor é para seu bem! Já viu se lhe falta alguma coisa? E' que ali é uma «ratoeira». E se o senhor hade ir logo ao Governo Civil, arruma-se já o caso.

Alencar levou maquinalmente a mão á carteira e teve um sobresalto. O volume era maior. Precipitadamente esvasiou o bolso. Eram dois jornais dobrados o que estava em seu lugar.

—Mas isto é uma infamia! Com naturalidade, como quem repete uma velha scena, o policia rapou do caderninho de notas,

—A victima como se chama?

—Não preciso nomear—o que eu quero é o meu dinheiro—ou pelo menos os papeis. Olhe a carteira devia ter uns 3 contos. Veja se m'a consegue. E' metade para si.

Está muito bem... o senhor espere aqui.

—Não. Vou amanhã ao Governo

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

Carta muitissima aberta

CONTINUADO DA PAGINA 6

perguntas, a dar a minha modesta opinião sobre os assuntos que versa na sua carta, de fórma a que ficasse mais ou menos elucidada sobre a minha maneira de pensar acerca de tudo o que lhe interessa.

E como nada mais me pediu, entendo que nada mais deverei acrescentar.

Mas a verdade é que isto assim tem o aspecto lamentavel d'um conto por acabar; fica com o ar d'uma novela incompléta; do que se não prevê o fim, o desfecho.

E como só V. Ex.ª póde, sobre esta novela, pronunciar a ultima, ou pelo menos a penultima palavra, cedo-lhe aqui neste mesmo logar a minha vez, no proximo domingo, esperando com interesse que V. Ex.ª a venha completar.

Beija-lhe as mãos reverente e á moda antiga,—se esse gesto fidalgo mais satisfaz o seu espirito romantico,—o

AUGUSTO CUNHA

VEJA NO PROXIMO NUMERO

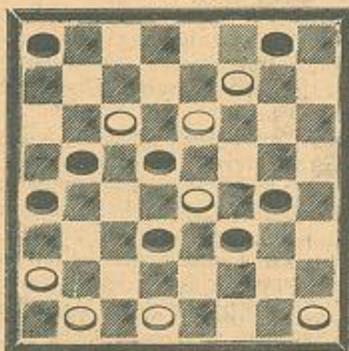
O VENDEDOR DE VENENOS

Por O Dectetive 523

Solução do problema n.º 51

	Brancas	Pretas
1	16-20	2-16
2	20-24	25-4
3	17-22	4-25
4	14-17	21-14
5	24-27	31-24
6	28-19-30-21-7-20	
	ou	
6	28-10-21-30-19-12	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 52

Pretas 8 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 50 os Srs. Augusto Teixeira Marques, Bento Faria, José Brandão, alesvana (Oeiras), Carlos Gomes (Bemfica), Talu (Teatro Avenida), Vicente Mendonça e Artur Santos, que nos enviou o problema hoje publicado.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

A. D. MEIRA, ZELIA, BORGES, REI-VAX, BISTRONÇO, LHÁLHA, ROBUR, FILHO D'ALGO

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 51

QUADRO DE DISTINÇÃO

DECIFRAÇÕES

Com 13 — *PATO BIGAS LIMITADA*
» 13 — *ROCK*
» 10 — *ERRECÉ*
» 9 — *TROUPE CARCEI*

DECIFRADORES DO N.º 51

DEDICATORIAS:

Decifráram as producções que lhes foram oferecidas: *LHALHA, PATO BIGAS, LIMITADA, E. O. Q. B., DROPÉ.*

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Sã mente, 2—Pesponteado, 3—Cumprimento, 4—Pruir, 5—Estiolamento, 6—Nimboso, 7—Avola, 8—Locafa, 9—Fuco, 10—Japão, 11—Pactolo, 12—Prudente, 13—Saracura, 14—Zecóra, 15—Aqueme.

CHARADAS EM VERSO

[A' admiravel Zelia Borges. *agradecendo o encantador conselho da sua* Ledo*]*

(1) Não posso, Senhora, gosar lêda vida!
Tenho o coração como um doido a sonhar...
E' como a nau em mar revolto, perdida
Sem mestre ou capitão para a governar!

Achei, a sonhar, a esperança querida—1
Que Vocencia alfim me vem confirmar!...
—Eu já sabia a côr da «trança» of'recida.
A minh'alma não me podia enganar!

Já eu tenho os cabelos côr d'azeviche;
E o rosto meu é dum moreno tão fiche
Que q ria branco e o buço da côr d'oiro.

Por isso talvez eu pense e *com* razão—1
Que só posso amar de todo o coração
Qualquer *Deuza* linda de cabelo loiro!

LHÁLHA

(*Treplica ao meu grande amigo* Orlando o Paladino)

(2) *Diverte-se* o meu confrade—2
a chamar-me um passarão,
quando afinal vendo estão
que sou pequeno é verdade.

O «Toutinegro», da grade
da gaiola-habitação,
vê-se preso e sempre á mão
p'ra sofrer toda a maldade.

Se o meu *mal* já não tem cura—1
porque é que a vida assim dura?
Que me mate um caçador!!!

Sovam-te assim, passarinho.
Mas força o teu piosinho
Que vences o teu *sovador*.

LHALHA

[Desafiando o terrivel matador Dropé*]*

(3) Ha um mez seguramente
Qu'eu *trabalho* noite e dia,—2
Para vér se conseguia
Com tres silabas somente,

Formar engenhosamente
Com toda a minha mestria
—P'ra lhe causar «arrelia»—
Ma charada. Infelismente,

Após muito matutar
Não fui capaz d'encontrar
O tal termo desejado.

Que *pena* eu não poder—1
O meu fim satisfazer...
Andou com sorte, *coitado*...

REI-VAX

(4) Escrevi-te sem receio,
Por m'o teres consentido,
Mas a *resposta* não veio,—2
Como tinhas prometido.

Porque é que não escreveste?
Qual o motivo, a razão?
Foste tu que não quizeste,
Ou falta d'*ocasião?*—2

Por querer ou sem querer
Causaste a minha desdita

CHARADAS EM VERSO

E não resisto a dizer:
Foste *hipocrita*, acredita.

Porto ERRECE

(5) No alfabeto *estrangeiro*—2
Ha um certo *sinalsito*—1
Que parece uma *rabisca*
Feita por um petisito.

VASCO HENRIQUE DIAS

CHARADAS EM FRASE

(6) Toda essa *mó de gente, cavalgada em* ti?!; Isso é *bravata*.—2—3

(7) Guarnece com essa *planta*, a sala de «*baile*» no dia do teu *casamento*.—2—2

ROCK

(*A* Rei-Vax, *agradecendo a sua* Cenoso)

(8) Se vir o tal ser imundo ao pé do *movel* conselho-o sr. Xavier, a que «*suba*» para o sotão *de mansinho*? -2—

DROPÈ

(9) Que *enfado*, meu *querido* amor, não ser *milionario*.—1—2

ZELIA BORGES

(10) Causa-me *estorvo* e *embaraço* o aspecto do *frade*—1—1

(11) Muito se irrita o *paroco* da egreja da Sé quando encontra no *caminho* a sua *trisavó*—2—2

FILHO D'ALGO

(1) A *consciencia* é sempre *abundante* num bom *homem*.—1—2

Porto REI DO ORCO (O. L. E.

(13) Minhe *irmã*, *até* onde nos trouxe o *acaso!*—1—1

AVIEIRA

[*Mais outra para o colega* Errecé)

(14) Será *egual* a tristeza e a dor, num homem *alegre?*—1—1

PATO BIGAS, LIMITADA

ENIGMA

(*Aos meus bons amigos* Robur e Bistronço)

(15) (Extracto d'uma teima que entre amigos
vi, e os ia tornando uns inimigos.
Passou-se o caso assim,
garanto,
pois tim tim por tim tim
o vou contar.. Calunias não levanto.)

Disse o mais alto:—Um vaso p'ra beber.
de bôca um pouco larga, tem de ser,
e olha que é tigelinha;
Vê bem.
Diz o baixo:—Que «pinha»!
Não vês que é um cópo, ó Zé-Ninguem!

No meio da teima, algo acalorada
vem um terceiro d'alma socegada-
dar aos dois, afinal,
razão:
—Isso mêsmo, tal-qual,
tem *o nome de uma constelação!*—

LHALHA

CORREIO

PATO BIGAS, LIMITIDA.—*Errare humanum est.*
CARALINDA.—Sim senhor, o dicionario de sinonimos de J. I. Roquete e José da Fonseca que lhe deve servir á maravilha.

REI-FERA

A "ratoeira" da Rua dos Vinagres

CONTINUADO DA PAGINA 7

Civil. E, palido, Alencar, seguiu em direcção ao hotel, com o sangue excitado pelo contacto daquela scena vergonhosa, em quanto o policia subia devagar a escada da «Fernandinha»...

* * *

Era ainda cedo quando bateram á porta do quarto. Era da parte da policia. — M.^me Alencar sobresaltou-se. Mas o marido explicou, com uma desculpa de momento: Tinham-lhe tomado o nome como testemunha duma scena de pancada no Rocio.

Levantou-se, e foi ligeiro ao Governo Civil, tapar aquele escandalosito que sobresaltava a mulher e que—o que seria ainda o peor—lhe daria um ar «schoking» no Gremio, se se soubesse que êle Alencar, que mudara de amantes como de camisa e tinha tido «tudo» caira com a primeira «Fernandinha» da Rua dos Vinagres, na «gaiola» de pacovios inofensivos. Não foi sem comoção que transpoz o pateo da lugubre cadeia. Respondeu ao agente. Recolheu a carteira, deu o conto e quinhentos, mas sempre quiz saber como era aquilo. E, coçando o queixo, foi ouvindo:

—A «Fernandinha» tem um armario grande junto ás grades da cama. E' ahi que está instalada a cumplice que, emquanto a roupa está pendurada, faz a substituição, lesta e habil...

—Pois quero vê-la. Está presa.

—Está ali no calabouço...

Mandaram-m'a vir. A «Fernandinha» trazia ainda olhos de sono e não precisava nessa manhã pintar as olheiras.

—Salve-me! Eu dei tudo o que lhe tinha tirado! O sr. pode-me mandar embora! Eu sou uma desgraçadinha...

E, cerradas as portas do gabinete, a «Fernandinha» fez uma scena de choro.

Alencar olhava-a em silencio. Por fim, concordou que era melhor desistir da queixa, para os «jornais não falarem».

A «Fernandinha» veio-lhe beijar as mãos, depois, muito meiga, e já no corredor escuro, ao pé do gabinete dos adjuntos, deu-lhe outro beijo na boca, e apertou-o ao peito muito, a agradecer...

. . . .

Só na hora do almoço. Alencar viu que não tinha o seu belo relogio «Omega»...

Mas fez das tripas coração... e não disse nada.

Que diabo! os «Omegas» são para as ocasiões...

VARIA

De tudo um pouco...

Costumes celtas

Quando os celtas passavam por um sitio onde tivesse morrido alguem, rezavam uma oração e colocavam ali uma pequena pedra.

Nas nossas provincias do Norte, e especialmente na Feira, ainda ha este costume.

Os celtas saudavam a lua nova, a primeira vez que a viam. Ainda hoje muitos dos nossos povos das aldeias se não esquecem de praticar o mesmo, dizendo:—«Benza te Deus»!

E' tido por pouco religioso o que deixa de fazer isto.

O uivar do cão era entre os celtas sinal infalivel de morte proxima em pessoa da familia.

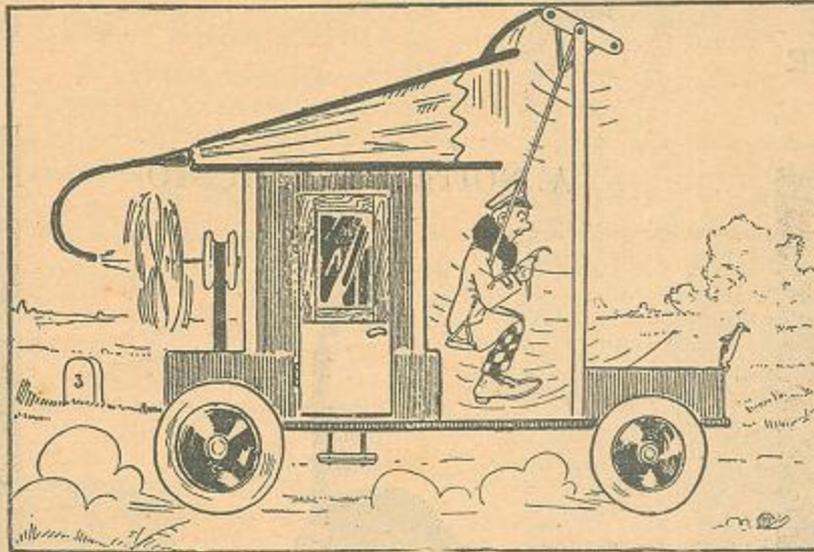
A aparição das almas dos mortos era dogma da religião celtica.

Ainda em muitas nações da Europa se mantem esta superstição.

Os perigos do foot-ball

Segundo o «Journal of the American medical Association», em 1924 houve neste «sport», 35 mortes e mais de 500 acidentes de maior ou menor gravidade. Das 35 mortes, 11 foram motivadas por fractura da espinha; houve 343 fracturas, das quaes 91 foram da clavicula, 19 do fémur e 4 do craneo; podem calcular-se em 50, as mortes e inutilisações totaes permanentes, devidas a este jogo, durante um ano.

QUEM É O DETECTIVE 523?

As bôas ideias do O DOMINGO

O AUTOMOVEL-FÓLE

Sobre quatro rodas instala-se um caixote em forma de «limousine». Por cima do caixote um grande fole que é acionado por um baloiço. O sopro do fole faz girar uma ventoinha, ésta uma roda que, ligada por uma correia, móve as rodas do carro, a ultima maravilha de locomoção.

De tudo um pouco...

O conde de Farrobo e o trompista Vivier

Conta-se a seguinte anedocta a respeito do tocador de trompa Vivier:

Depois de haver mostrado seus meritos nas Larangeiras, numa «soirée», em 26 de maio de 1858, a que assistiram D. Pedro V, D. Estefania, D. Fernando, o principe Leopoldo e os infantes D. Luiz e D. João — o conde de Farrobo presenteou-o com uma caixinha contendo tres botõesinhos de brilhantes para camisa.

Vivier achou pouco, e devolveu-os ao conde, acompanhados das seguintes linhas:—O artista Vivier toca de graça para os seus amigos mas em não sendo para os seus amigos, o preço porque toca á—40 libras!»

O conde mandou-lhe as 40 libras e os botões, dizendo-lhe simplesmente num bilhete: «Ahi vae o dinheiro para si e os botões para o seu creado.»

Os botões valiam as suas 100 libras.

IMP ORTANTE.—N'esta secção podem colabora todos os nossos leitores. Basta para isso enviarem os casos, anedoctas, ditos, c riosidades de que tiverem noticia, para a Secção de DE TUDO UM POUCO, Redacção de O DOMINGO ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18—Lisboa.

Que sabe o detective 523?

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

IVONE MAFALDA.—Caracter irreflexivo, temperamento que segue o impulso, espirito de protecção, memoria explendida mas um pouco destrambelhada, exagerada dignidade e amor a si propria, amor ás artes todas, grande imaginação e grande amor ao proximo, nervos fortes.

UMA QUE TEM PENA DE NÃO TER UM BEBE.—Caracter simples e dedicado, optimismo, economica e um tanto interesseira, má memoria, amor ao trabalho, ideias simples e religiosas, bom gosto para vestir.

MOLIERE.—Amor á musica, má memoria, amor ás artes todas, «nã » muito boas qualidades, taes como invejoso.. hipocrita... generoso disfarçado .., nervos maito mal dominados. Perdão pela franqueza, mas pregunta...

J. D. S. Alcobaça.—Mania de pensar mais do que deve, memoria boa, generosidade, pessimismo, bom gosto e adorador da estetica, odeia as coisas inuteis, amor a si proprio sem egoismo, espirito trabalhador, energico.

LUCAS.—Orgulho e vaidade (os dois mal entendidos e mal aplicados), generosidade que gosta da «galeria», habilidade manual, frase viva, espirito sonhador e imaginativo faz tanta coisa sem reflexionar que tem que estar, arrepende-se a cada minuto; a gostos originais.

LILAN.—Não sei já como dizer que com menos de seis linhas não posso definir um caracter; faça favor de escrever outra vez!

LUCAS.—Bom gosto, força de vontade impaciente, inteligencia asimilavel, amor á estetica, boa memoria, generosidade, sentimento de poesia, culto de amisade, um poucochinho mentiroso.

LINA.—Temperamento impulsivo e excessivamente nervoso, boa memoria e generosidade, amor aos livros, um tanto dado ao misticismo, pouca vaidade e muito orgulho, grande perdoador de defeitos alheios, energico, e sabendo mandar.

JOÃO D'ARRONCHES.—Ideias proprias e independentes, simples no trato embora seja orgulhoso espiritualmente, amor aos livros e ás sciencias, generosidade bem entendidada, reservado, discreto e amante do proximo.

A. X. M.—Boa e cultivada inteligencia, ambição por calculo, memoria intermitente, generosidade... quando convem, amor aos livros e ás cartas, sentimento de poesia, pouco amor á sciencia, diplomata quando quer, bom gosto, sensualidade forte.

TRALPEMA.—Força de vontade fraca, caracter impulsivo e bondoso, forte sensualidade. bom gosto, amor aos romanbes bonitos, optimismo, pouca vaidade aparentemente mas todo o contrario, boa memoria gostos e amor ao conforto, verbo facil.

GAVIÃO.—Esperto, rapido nas decisões, generoso como deve e quando deve, amor á estetica e ao lar, sabe falar, e convencer todos pensa que o tempo é oiro e aproveita-o bem, amor ás creanças, grande confiança em si proprio.

CONDE.—Nervos fracos, diplomacia, memoria detalhista, pessimismo e desconfiança de tudo e de todos, má saude, espirito religioso, ideias positivas, parece-me que já foi tão dedicado que não tem já forças para se dedicar a mais ninguem.

CRUZ.—Nervos deprimidos, amor á musica, bom gosto, má memoria, bom diplomata quando quer, pouco amigo da discussão.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

QUADRO DE DECIFRADORES

MANUEL JOAQUIM DUARTE, K. S. T.—TRISTE VIUVINHA
D. SOLIDÃO—MISTER-WU.

Campeões decifradores do n.º 51

Horizontaes: — 1 — Instrumento de Cordas 2—Dobera 3—Sarcofago 4—Rio da Suissa 5—Batraquio 6—medida 7—Elemento 8 — Nota de Musica 9 — Movel de Madeira 10—Metal 11 — Nome que a Biblia dá a «Jerusalem». 12—Planta da China 13—Nota de Musica 14—Caixa 15—Porção 16—Içar 17—Batraquio 18—Cidade da França 19—Multidão 20—Nota de Musica 21 — (antigui d.) Os dois terços do asse 22—Astro 23—Bamba 24—Executar.

Verticaes:—1—Estio 2—Filtrar 6—Pesquisa 9—Elemento 14—Idade 20—Transpira 22—Estudei 25—Formiga do Brasil 26—Duas letras de BOA 27—Pato Real 28—Batraquio 29—Valle 30—Instrumento de lavoura 31—Carta 32—Tecido muito fino e transparente 33—Unir 34—Dança popular 35—Medida antiga 36—Prefixo designativo do ar 37—Apenas.

Solução do numero passado: Horizontaes:—1—Carapina 2—Castelos 3—Aco 4—Ar 5—Lua 6—Ré 8—Ara 7—Adem 9—Amo 10—Al 11—O. C. 12—Vinagre 13—Rã 14—Termina 15—Era 16—Eis 17—A. D. 18—Ria 19—*Sod* 20—Lá 21 Maçadorias 22—Só 23—As 24—Horario 25—Numeros 26—Aparato 27—Arasari 28—Rã 29—Ar 30—Carregador 31—Ar 32—Sua 33—Ali 34—Má 35—Ova 36—Ele 37—Camarão 38—*Er* 39—Solimão 40—Dr. 41—Tá 42—Noe 43—Pias 44 Ada 45—Má 46—Cio 47—O. R. 48—Cão 49—Serranos 59—Corsario.

Verticaes:—1—Caravela 4—Adorada 14—Triturados 24—Há 25—Na 28—Remedio 30—Carioca 31—Ala 36—Ema 44—Aar 48—Co 51—Ri 52—Paragem 53—Ica 54—Nó 55—Al 56—Sua 57—Tamaras 58—Lá 59—O 60—Salvador 61—Recados 62—Anã 63—Liz 64—Ira 65—Ria 66—Escritorio 67—Eia 68—Nós 69—Tupa 70—Moro 71—Rã 72 Ar 73—Rã 74—O. O. 75—Má 76—Es 77—Rã 78—Si 79—Cascatas 80—Agarrar 81—Creofago 82—Rua 83—Ala 84—Ovo 85—Ralados 86—Amo 87—E. I. N. 88—O. R. 89—O. O. 90—Ir.

LÊR NO PROXIMO NUMERO

A DESAPARIÇÃO DA GRAN-BRETANHA

Prevista pelo fakir THAKYA-KHAU

Actualidades gráficas

OS LIVROS DE ARTE
Professor Roque Gameiro

grande mestre da pintura de aguarela e que acaba de publicar um album precioso sobre «Lisboa-Velha», cujo exito é retumbante.

A NOITE DE AUGUSTO ROSA

A grande actriz Adelina Abranches no «Monologo do Vaqueiro» de Gil Vicente, que interpretará no grande espectaculo «Noite de Augusto Rosa».

OS LIVROS DE ARTE
Professor Virgilio Correia

notavel critico de arte e investigador, que acaba de publicar um livro muito valioso e cheio de interesse: «Três tumulos».

NO TEATRO

Carlos Leal no «Chefe Bitóca» da revista «Foot-Ball» em pleno exito no Teatro Maria Vitoria do Avenida Parque.

A GRANDE COMPANHIA VELASCO

Rosita Rodrigo, notavel primeira «tiple», que obteve um colossal triunfo quando da sua passagem por Lisboa, e que em breve se estreia no Trindade.

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

Dr. Octaviano de Sá

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

OS GRANDES ASPECTOS DESPORTIVOS

UMA COLOSSAL FASE DE FOOT-BALL

Minuto de grande emoção no desafio de foot-ball 'Sporting-Victoria" que tão grande entusiasmo despertou, e no qual saiu victorioso o brilhante grupo de Setubal, mostrando a altissima cultura desportiva da nossa Provincia, podendo dizer-se que Portugal avança vertiginosamente para os mais altos postos internacionaes. — *(Cliché Raul Reis, exclusivo de* O Domingo *Ilustrado.*